

DESAFIO WEEKEND 01
Tema da aula: NÍVEIS DE LINGUAGEM

DATA: ___/___/2022.

NOME:

**LINGUAGENS E SUAS
TECNOLOGIAS**

LÍNGUA PORTUGUESA

MATRIZ DE REFERÊNCIA DO ENEM

➤ **COMPETÊNCIA DE ÁREA 7**

Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.

➤ **HABILIDADE 22**

Relacionar, em diferentes textos, opiniões, temas, assuntos e recursos linguísticos.

QUESTÃO 01



(ENEM/2012-Adaptada) Leia, a seguir, a entrevista com Marcos Bagno.

Pode parecer inacreditável, mas muitas das prescrições da pedagogia tradicional da língua até hoje se baseiam nos usos que os escritores portugueses do século XIX faziam da língua. Se tantas pessoas condenam, por exemplo, o uso do verbo “ter” no lugar de “haver”, como em “hoje tem feijoada”, é simplesmente porque os portugueses, em dado momento da história de sua língua, deixaram de fazer esse uso existencial do verbo “ter”.

No entanto, temos registros escritos da época medieval em que aparecem centenas desses usos. Se nós, brasileiros, assim como os falantes africanos de português, usamos até hoje o verbo “ter” como existencial é porque recebemos esses usos de nossos ex-colonizadores. Não faz sentido imaginar que brasileiros, angolanos e moçambicanos decidiram se juntar para “errar” na mesma coisa. E assim acontece com muitas outras coisas: regências verbais, colocação pronominal, concordâncias nominais e verbais etc. Temos uma língua própria, mas ainda somos obrigados a seguir uma gramática normativa de outra língua diferente. Às vésperas de comemorarmos nosso

bicentenário de independência, não faz sentido continuar rejeitando o que é nosso para só aceitar o que vem de fora.

Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses. Só na cidade de São Paulo temos mais falantes de português que em toda a Europa!

Informativo Parábola Editorial, s/d.

Na entrevista, o autor defende o uso de formas linguísticas coloquiais e faz uso da norma padrão em toda a extensão do texto. Isso pode ser explicado pelo fato de que ele

(A) adapta o nível de linguagem à situação comunicativa, uma vez que o gênero entrevista requer o uso da norma padrão.

(B) apresenta argumentos carentes de comprovação científica e, por isso, defende um ponto de vista difícil de ser verificado na materialidade do texto.

(C) propõe que o padrão normativo deve ser usado por falantes escolarizados como ele, enquanto a norma coloquial deve ser usada por falantes não escolarizados.

(D) acredita que a língua genuinamente brasileira está em construção, o que o obriga a incorporar em seu cotidiano a gramática normativa do português europeu.

(E) defende que a quantidade de falantes do português brasileiro ainda é insuficiente para acabar com a hegemonia do antigo colonizador.

QUESTÃO 02



(ENEM/2012-Adaptada) Leia o texto a seguir.

O senhor

Carta a uma jovem que, estando em uma roda em que dava aos presentes o tratamento de você, se dirigiu ao autor chamando-o “o senhor”:

Senhora:

Aquele a quem chamastes senhor aqui está, de peito magoado e cara triste, para vos dizer que senhor ele não é, de nada, nem de ninguém.

Bem o sabeis, por certo, que a única nobreza do plebeu está em não querer esconder sua condição, e

esta nobreza tenho eu. Assim, se entre tantos senhores ricos e nobres a quem chamáveis você escolheste a mim para tratar de senhor, é bem de ver que só poderíeis ter encontrado essa senhoria nas rugas de minha testa e na prata de meus cabelos. Senhor de muitos anos, eis aí; o território onde eu mando é no país do tempo que foi. Essa palavra “senhor”, no meio de uma frase, ergueu entre nós um muro frio e triste.

Vi o muro e calei: não é de muito, eu juro, que me acontece essa tristeza; mas também não era a vez primeira.

BRAGA, R. **A borboleta amarela**. Rio de Janeiro: Record, 1991.

A escolha do tratamento que se queira atribuir a alguém geralmente considera as situações específicas de uso social. A violação desse princípio causou um mal-estar no autor da carta. O trecho que descreve essa violação é:

- (A) “Essa palavra, ‘Senhor’, no meio de uma frase ergueu entre nós um muro frio triste.”
- (B) “A única nobreza do plebeu está em não querer esconder a sua condição.”
- (C) “Só poderíeis ter encontrado essa senhoria nas rugas de minha testa.”
- (D) “O território onde eu mando é no país do tempo que foi.”
- (E) “Não é de muito, eu juro, que acontece essa tristeza; mas também não era a vez primeira.”

QUESTÃO 03

(ENEM/2014-Adaptada) Leia o texto a seguir.

Só há uma saída para a escola se ela quiser ser mais bem-sucedida: aceitar a mudança da língua como um fato. Isso deve significar que a escola deve aceitar qualquer forma da língua em suas atividades escritas? Não deve mais corrigir? Não!

Há outra dimensão a ser considerada: de fato, no mundo real da escrita, não existe apenas um português correto, que valeria para todas as ocasiões: o estilo dos contratos não é o mesmo do dos manuais de instrução; o dos juízes do Supremo não é o mesmo do dos cordelistas; o dos editoriais dos jornais não é o mesmo do dos cadernos de cultura dos mesmos jornais. Ou do de seus columnistas.

POSSENTI, S. Gramática na cabeça. **Língua Portuguesa**, ano 5, n. 67, maio 2011 (adaptado).

Sírio Possenti defende a tese de que não existe um único “português correto”. Assim sendo, o domínio

da língua portuguesa implica, entre outras coisas, saber

- (A) descartar as marcas de informalidade do texto.
- (B) reservar o emprego da norma padrão aos textos de circulação ampla.
- (C) moldar a norma padrão do português pela linguagem do discurso jornalístico.
- (D) adequar as formas da língua a diferentes tipos de texto e contexto.
- (E) desprezar as formas da língua previstas.

QUESTÃO 04

(ENEM/2016-Adaptada) Leia o texto a seguir.

Mandinga – Era a denominação que, no período das grandes navegações, os portugueses davam à costa ocidental da África. A palavra se tornou sinônimo de feitiçaria porque os exploradores lusitanos consideram bruxos os africanos que ali habitavam – é que eles davam indicações sobre a existência de ouro na região. Em idioma nativo, *manding* designava terra de feiticeiros. A palavra acabou virando sinônimo de feitiço, sortilégio.

COTRIM, M. **O pulo do gato 3**. São Paulo: Geração Editorial, 2009. Fragmento.

No texto, evidencia-se que a construção do significado da palavra mandinga resulta de um/uma

- (A) contexto sócio-histórico.
- (B) diversidade técnica.
- (C) descoberta geográfica.
- (D) apropriação religiosa.
- (E) contraste cultural.

QUESTÃO 05

(ENEM/2016-Adaptada) Leia o texto a seguir.

PINHÃO sai ao mesmo tempo que BENONA entra. BENONA: Eurico, Eudoro Vicente está lá fora e quer falar com você.

EURICÃO: Benona, minha irmã, eu sei que ele está lá fora, mas não quero falar com ele.

BENONA: Mas, Eurico, nós lhe devemos certas atenções.

EURICÃO: Passadas para você, mas o prejuízo foi meu. Esperava que Eudoro, com todo aquele dinheiro, se tornasse meu cunhado. Era uma boca a menos e um patrimônio a mais. E o peste me traiu.

Agora, parece que ouviu dizer que eu tenho um tesouro. E vem louco atrás dele, sedento, atacado da verdadeira hidrofobia. Vive farejando ouro, como um cachorro da molest'a, como um urubu, atrás do sangue dos outros. Mas ele está enganado. Santo Antônio há de proteger minha pobreza e minha devoção.

SUASSUNA, A. **O santo e a porca**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

Nesse texto teatral, o emprego das expressões “o peste” e “cachorro da molest'a” contribui para

- (A) marcar a classe social das personagens.
- (B) caracterizar usos linguísticos de uma região.
- (C) enfatizar a relação familiar entre as personagens.
- (D) sinalizar a influência do gênero nas escolhas vocabulares.
- (E) demonstrar o tom autoritário da fala de uma das personagens.

